

## Entre “cantinhos” pedagógicos e brincadeiras: discursos de professor/as sobre gênero na educação infantil

Tuany Cristina Carvalho Santos<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Ponta Grossa-PR

Bettina Heerdt<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Ponta Grossa-PR

**Resumo:** Este artigo parte da seguinte problemática: Como circulam os discursos de professor/as acerca dos espaços, brinquedos e brincadeiras disponibilizados para meninos e meninas na Educação Infantil? Assim, tem por objetivo analisar os discursos de professor/as da Educação Infantil acerca dos “cantinhos” pedagógicos e das brincadeiras ofertadas às crianças, investigando como os discursos moldam as interações de gênero e como meninos e meninas transgridem essas ofertas. A partir da perspectiva foucaultiana, em que discursos são práticas que sustentam os regimes de verdade, o estudo explora as relações de gênero na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que realizou entrevistas semiestruturadas com professor/as da Educação Infantil de instituições públicas. A partir das análises dos discursos, percebe-se que, embora professor/as reconheçam a flexibilidade dos “cantinhos” pedagógicos, há uma forte normatização que reforça os estereótipos de gênero, com meninos e meninas, sendo direcionados a ocupar espaços e utilizar brinquedos que são associados a seus gêneros. No entanto, há discursos que evidenciam que as crianças, em alguns momentos, desafiam essas normas, criando novas relações e transgredindo expectativas de gênero estabelecidas socialmente. Tais transgressões sugerem a necessidade de abertura e debate para (re)pensar e (re)construir práticas diversas e equânimes na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Relações de gênero. Espaços e brincadeiras.

## Entre “rincones” pedagógicos y juegos: discursos de profesores/as sobre género en la educación infantil

**Resumen:** Este artículo parte de la siguiente problemática: ¿Cómo circulan los discursos de los/as profesores/as acerca de los espacios, juguetes y juegos disponibles para niños y niñas en la Educación Infantil? Así, tiene como objetivo analizar los discursos de los/as profesores/as de Educación Infantil acerca de los “rincones” pedagógicos y de los juegos ofrecidos a los niños, investigamos cómo los discursos moldean las interacciones de género y cómo niños y niñas transgreden estas ofertas. Desde la perspectiva foucaultiana, en la que los discursos son prácticas que sostienen los regímenes de verdad, el estudio explora las relaciones de género en la Educación Infantil. Se trata de una investigación cualitativa, que realizó entrevistas semiestruturadas con profesores/as de Educación Infantil de

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UEPG). Graduada em Pedagogia (UEPG). Professora da rede pública de Ponta Grossa. E-mail: tuanycarvalho09@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0937-7387>.

<sup>2</sup> Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática (UEL). Mestre em Educação (UEPG). Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas. Docente adjunta (UEPG). E-mail: bettina\_heerdt@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0428-136X>.

**instituciones públicas. A partir de los análisis de los discursos, se percibe que, aunque los/as profesores/as reconocen la flexibilidad de los “rincones” pedagógicos, existe una fuerte normalización que refuerza los estereotipos de género, con niños y niñas siendo dirigidos a ocupar espacios y utilizar juguetes que están asociados a sus géneros. Sin embargo, hay discursos que evidencian que los niños, en algunos momentos, desafían estas normas, creando nuevas relaciones y transgrediendo expectativas de género establecidas socialmente. Tales transgresiones sugieren la necesidad de apertura y debate para (re)pensar y (re)construir prácticas diversas y equitativas en la Educación Infantil.**

**Palabras clave: Educación Infantil. Relaciones de género. Espacios y juegos.**

## 1. INTRODUÇÃO

As discussões acerca das questões de gênero têm sido abordadas cada vez mais em nossa sociedade e nas produções científicas, pois há emergência em se discutir as desigualdades existentes entre mulheres e homens na sociedade, a fim de identificar tais problemáticas e apontar novos caminhos para uma sociedade mais equitativa. Entendemos que o corpo generificado é um modelo de construção conjunta da realidade material do corpo e das contribuições sociais, que são construídas por muitas práticas, discursos e tecnologias (Butler, 2022). Por isso, torna-se fundamental ampliar os estudos sobre gênero no ambiente educacional, visto que, a escola faz parte de uma complexa rede de tecnologias e um sistema disciplinar pelos quais o poder opera (Foucault, 1999), incluindo na primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil.

A partir de um levantamento<sup>3</sup> das produções científicas brasileiras que versam sobre gênero e Educação Infantil, com o recorte temporal dos anos 2019 a 2023, tendo como participantes professores/as, observamos que houve crescimento no número de trabalhos, se comparado ao levantamento anterior produzido pelas autoras<sup>4</sup>. Constatamos estudos sobre a presença de professores homens na Educação Infantil, percepções e práticas de professores/as, relações familiares, estratégias de resistência, políticas e movimentos sociais, relações entre brinquedos e brincadeiras. Porém, há uma ausência significativa de pesquisa que se concentre na forma como os discursos de professores/as podem influenciar a organização espacial e atividades pedagógicas e, conseqüentemente, moldar as relações de gênero. Assim, este artigo visa preencher tal lacuna de pesquisa, investigando em profundidade discursos de gênero na Educação Infantil, possibilitando discussões sobre práticas pedagógicas e organizações.

Para tanto, partimos da seguinte problemática: Como circulam os discursos de professor/as acerca dos espaços, brinquedos e brincadeiras disponibilizados para meninos e meninas na

<sup>3</sup> Levantamento realizado em março de 2023, nas plataformas: Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) e Portal de Periódicos da CAPES. Para acessar quadro e informações completas das pesquisas, consulte: <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.19335.00168>.

<sup>4</sup> CARVALHO SANTOS, T. C.; HEERDT, B. As questões de gênero na Educação Infantil: uma análise da produção científica. *Faculdade Sant’Ana em Revista*, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p. 370 - 392, 2023.

Educação Infantil? Dessa forma, temos como objetivo analisar os discursos de professor/as da Educação Infantil acerca dos “cantinhos” pedagógicos e das brincadeiras ofertadas às crianças, investigando como os discursos moldam as interações de gênero e como meninos e meninas transgridem essas ofertas. A partir de Foucault (1993), compreendemos os discursos enquanto práticas que sustentam os regimes de verdade e poder. É no contexto escolar, entre diversos espaços e instâncias, que podemos observar a instituição de distinções e desigualdades, sendo a linguagem, o campo mais eficaz e persistente, pois, atravessa e constitui a maioria de nossas práticas e ela nos parece, quase sempre, muito natural (Louro, 2014).

A pesquisa possui abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um professor e cinco professoras que atuam em instituições públicas de Educação Infantil, segmento pré-escola, de um município paranaense. Os discursos produzidos foram analisados a partir de ferramentas foucaultianas, entrelaçada aos estudos de gênero na Educação Infantil. Cabe destacar que, o presente artigo deriva de uma pesquisa mais ampla fruto de uma dissertação de mestrado (Carvalho T., 2021).

Este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, apresentamos uma discussão a respeito da Educação Infantil, as características dos “cantinhos” pedagógicos e as relações de gênero neste contexto. Em seguida, apresentamos os subsídios teórico-metodológicos que subsidiaram a pesquisa e análise realizada. Logo após, apresentamos as análises dos discursos produzidos pelo/as professor/as. Por fim, trazemos algumas considerações sobre os dados obtidos e reflexões para futuras pesquisas.

## **2. RELAÇÕES DE GÊNERO E OS “CANTINHOS” PEDAGÓGICOS: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL**

A Educação Infantil se constitui como primeira etapa da Educação Básica, atendendo crianças da faixa etária de 0 até 5 anos e tendo como segmentos, a creche e a pré-escola. Esta etapa se constitui como um dos espaços mais importantes para a educação voltada à diversidade e liberdade de múltiplas vivências, pois possibilita que diferentes identidades se encontrem e, se confrontem. Tratar das relações de gênero, faz-se importante por compreendermos a partir de Louro (2002, p. 229), que se constituem como “[...] relevante, útil e apropriado para as questões educacionais. Pondo em xeque o caráter ‘natural’ do feminino e do masculino”. Por isso, torna-se necessário refletirmos sobre o papel da escola na construção das diferenças de gênero, afinal, desde os primórdios da educação, fixava-se lugares sociais para meninas e meninos.

A Educação Infantil e suas práticas, não são neutras, mas permeadas por uma ideologia adultocêntrica<sup>5</sup>. São alicerçadas nos pressupostos criados pelos adultos, rotulando e nor-

---

<sup>5</sup> O adultocentrismo é um dos preconceitos mais naturalizados pela sociedade contemporânea, ele atribui capacidades e fazeres às crianças para que se tornem adultas no futuro, desconsiderando os aspectos singulares da própria infância, colocando os adultos com papel privilegiado (Santiago; Faria, 2015).

malizando as produções, os comportamentos e as escolhas das crianças, direcionando-as para ocuparem lugares nas estruturas sociais em conformidade com expectativas impostas a elas (Santiago; Faria, 2015). As crianças, desde o nascimento, vivem cerceadas por um universo de significados culturais, em que, por meio de diversos aspectos buscamos moldá-las para que aceitem as normas sociais e assumam papéis designados. Isso ocorre por meio de vários instrumentos, como: brinquedos, livros, atitudes, roupas, cores, palavras, discursos, entre outros (Vianna; Finco, 2009). Assim, quando abordamos as relações de gênero na Educação Infantil, evidenciam-se as normas sociais vigentes. Finco (2005) destaca que estas normas prescrevem posturas, comportamentos, atitudes diferenciadas para homens e mulheres, e acrescenta que, na maioria das vezes, não são percebidas, porque é algo naturalizado, mas que sutilmente determinam comportamentos e espaços ocupados.

No processo educacional, os espaços não são apenas cenários, reproduzem valores sociais, culturais e históricos. Nesse sentido, a noção de vigilância está atrelada aos espaços, pois, de acordo com Foucault (1993) a vigilância é uma grande tecnologia de caráter disciplinar, que monitora e distribui espaços e tempos para controlar processos. Foucault (1993) revela que nos espaços há um caráter estratégico de mecanismos disciplinares, que não se esgota no enclausuramento das crianças, mas acaba sendo potencializado por outras operações, que permitem a vigilância. Os autores Frago e Escolano (2001, p. 26) nos chamam a atenção para que esses espaços físicos na escola sejam analisados como um constructo cultural que expressam e refletem determinados discursos:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.

Os espaços escolares retratam uma série de concepções, compreensões e aspectos culturais vigentes, elucidando regimes de verdades (Foucault, 1998), e são primordiais ao desenvolvimento infantil, pois é neles que a criança vivenciará experiências diversas e construirá seus saberes. A organização de espaços na Educação Infantil é baseada no corpo e nas relações de gênero, e por isso, acaba organizando e perpetuando as práticas pedagógicas (Finco, 2010), como as ‘filas de meninas e meninos’, ou na reafirmação dos comportamentos desejados para meninas e meninos.

De acordo com Foucault (2005) os empregos dos espaços podem ser utilizados como estratégias para controle dos corpos em que:

as disciplinas, organizando as ‘celas’, os ‘lugares’ e as ‘fileiras’, criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabe-

lecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois que regem a disposição dos edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois projetam-se sobre essa organização características, estimativas, hierarquias (Foucault, 2005, p. 126-127).

Na escola por meio de símbolos e códigos, afirma-se o que se pode ou não fazer, o lugar para meninos e para meninas, bem como, as atividades e brincadeiras que cada um/uma deve realizar. Nesse contexto, os “cantinhos” pedagógicos na Educação Infantil, são espaços na sala de aula que fornecem possibilidades de investigação, possibilitam a socialização da criança em diferentes situações e agrupamentos, com o dinamismo das atividades e o despertar de novos interesses. No contexto da pesquisa, os “cantinhos” pedagógicos são definidos no Referencial Curricular Municipal para a Educação Infantil – RCMEI (2020) como espaços de brincar ou de realização de propostas direcionadas, organizadas previamente por professor/a ou por crianças. De modo que sejam vivenciadas várias possibilidades, como jogos, movimentos, construções, leitura, criatividade, entre outros. A fundamentação teórica e epistemológica, apresentada no documento, tem base nos princípios vygotskianos e da pedagogia freinetiana.

Dessa forma, entendemos que esses “cantinhos” pedagógicos, constituem-se como práticas promissoras. Afinal, esses espaços fornecem possibilidades de investigação, imaginação, criatividade e múltiplas vivências. No entanto, sinalizamos que esses espaços também podem reforçar as redes de poder e assim, contribuir para a relações de gênero binárias e hierárquicas, uma vez que, a escola e suas práticas não são neutras.

### **3. (DES)CAMINHOS<sup>6</sup> INVESTIGATIVOS: CONTEXTO, PARTICIPANTES E FERRAMENTAS DE ANÁLISE**

A pesquisa emerge de uma preocupação com alguma questão, provém quase sempre de uma insatisfação com respostas dadas, de explicações que passamos a duvidar, com desconfortos em relação a crenças (Bujes, 2007). Assim nossa subjetividade, localidade e situacionalidade enquanto pesquisadoras, influencia na escolha de nossos objetos de pesquisa, a primeira autora mulher, cisgênero, de cor parda, heterossexual, professora da Educação Básica, doutoranda. A segunda autora, mulher cisgênero, de cor branca, feminista, sem deficiência, mãe, pesquisadora e professora na licenciatura em ciências biológicas. Nossa problemática surge desta localização.

Quando falamos de discursos, também estamos falando de sujeitos em um sentido histórico-social, em que produzem discursos e ao mesmo tempo, são efeitos desses. Dessa forma, a pers-

---

<sup>6</sup> O termo descaminhos é proposto por Bujes (2007) com inspiração foucaultiana, para esboçar momentos da vida, em que é preciso pensar diferente do que se pode pensar e perceber diferente do que se vê, é fundamental para continuar a olhar e refletir.

pectiva de Foucault para compreender quem são esses sujeitos do discurso é diferente, pois ele considera que ao analisarmos um discurso, nós não estamos diante da manifestação de apenas um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade (Fischer, 2001).

Os sujeitos do discurso nessa pesquisa são seis professor/as de Educação Infantil em uma rede pública paranaense, sendo cinco mulheres e um homem, os quais atuavam em dois Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), no segmento pré-escola<sup>7</sup> (faixa etária de quatro e cinco anos). Com a finalidade de cumprir com os aspectos éticos<sup>8</sup> da pesquisa, buscamos preservar a integridade do/das participante/s entrevistados/as, elencamos nomes fictícios, para caracterizá-los: Aline, Bruno, Cláudia, Daiana, Elaine e Fátima.

O/as participante/s são graduados em Pedagogia, tinham a faixa etária entre 24 e 43 anos e atuavam como professor/as entre três meses a 20 anos. Um aspecto que nos chama a atenção é o fato de nenhum professor/a mencionar formações (inicial e contínua) a respeito de gênero, o que corrobora com as pesquisas que mencionam a necessidade da formação acerca das questões de gênero como um desafio a ser superado (Borges, 2023; Aquino, 2019).

Para realizarmos as análises dos discursos foi necessária a produção dos discursos, que ocorreu por meio das entrevistas semiestruturadas com gravação de áudio, após foi realizada a transcrição, com audição das gravações e digitação simultânea. Foram elencadas perguntas, que se subdividiram em: a) identificação pessoal e profissional; b) temática da pesquisa – relações interpessoais; c) organização e utilização dos espaços de interesse (“cantinhos” pedagógicos); d) formação e percepções. Neste artigo, nos deteremos às análises das perguntas do terceiro tópico, que foram norteadas por: critério utilizados para organização de trabalhos em grupos e da sala de aula, participação infantil na organização espacial, percepção de constituição de grupos de meninos e de meninas, regras para a utilização de espaços, espaços preferidos das crianças e existência de preferências diferentes entre meninas e meninos.

Para a análise, mergulhamos nos estudos foucaultianos, em que o discurso é uma ferramenta, compreendido como produtor de verdades e dispositivo estratégico das relações de poder, enquanto prática que organiza a realidade estabelecendo hierarquias e distinções, articulando o dizível e o visível (Foucault, 1993). A análise dos discursos, na perspectiva de Foucault, recusa explicações unívocas, as fáceis interpretações e a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas (Fisher, 2001). Ou seja, é preciso depreender esforços para trabalhar com o próprio discurso, buscando permanecer no nível das coisas ditas, a fim de dar conta de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos.

---

<sup>7</sup> Escolhemos essa faixa etária, pois percebemos que nesta, há mais diversidade dos “cantinhos” pedagógicos e as crianças já possuem uma autonomia pessoal maior para se expressarem.

<sup>8</sup> Cabe destacar que a pesquisa foi submetida e aprovada via parecer substanciado nº 3.184.332 do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

Foucault (1986) compreende os discursos enquanto práticas sociais que envolvem/produzem relações de poder em diferentes campos de saber e instâncias sociais. A partir dos discursos, são implementadas, produzidas e legitimadas dinâmicas e significados sociais. Os discursos produzem, educam e fazem com que os sujeitos entendam o que pode ou não ser feito, o que nos leva a compreender a relação intrínseca que os discursos têm com a produção de verdades, logo também com gênero. Diante disso, percebemos que, na perspectiva foucaultiana, tudo é considerado prática, assim como, tudo está imerso na relação entre poder e saber e se implicam mutuamente, além de que, ela considera a autonomia dos discursos.

Na perspectiva de Foucault (1993), uma teoria é uma caixa de ferramentas, é preciso que ela sirva e funcione, para que as pessoas a utilizem, caso contrário, perde seu sentido teórico, tendo em vista que, para ele, a teorização também é uma prática. Assim, reiteramos a ideia de caixa de ferramentas (Bujes, 2007; Veiga-Neto, 2006), que consiste em nos apropriarmos de ferramentas teóricas que favoreçam a análise do discurso, de maneira a construí-la conforme nossos objetivos. Por isso, torna-se imprescindível que abordemos aqui algumas teorizações pertinentes à construção realizada, nas quais adotamos como ferramentas de análises: enunciado, prática discursiva, sujeito, poder, tecnologias do eu e biopoder.

- Enunciado - são constituintes do discurso, é a unidade elementar do discurso, não são proposições, frases ou atos de falas, mas podem acabar constituindo os mesmos, bem como, são pautados em conjunto de signos. De acordo com Foucault (1986, p. 95) é “como se o enunciado fosse mais tênue, menos carregado de determinações, menos fortemente estruturado, mais onipresente também”. O enunciado não é uma estrutura bem definida, mas é fundamental para verificar a existência de uma preposição, frase ou ato de fala, porém, diferentemente destes, o enunciado não é imediatamente visível nem está inteiramente oculto.
- Prática discursiva - não é apenas a expressão de ideias, pensamentos ou formulação de frases, mas significa falar de acordo com determinadas regras e expor as relações que se dão dentro de um discurso (Fischer, 2001). Para mais, Foucault (1986, p. 136) salienta que prática discursiva se torna “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. As práticas discursivas se articulam à outras práticas sociais, econômicas, políticas, entre outras. Ao compreender que os discursos produzem verdades, torna-se possível entender que o sujeito também é constituído e regulado pelos discursos, sobretudo, pelas posições e diferenças que tais discursos estabelecem (Carvalho R., 2015).
- Sujeito - emerge vinculada aos discursos, ao mesmo tempo em que os sujeitos produzem saberes e discursos, são também produzidos por eles, portanto, a ideia de sujeito está ligada às relações de poder. O sujeito se constitui a partir de um “certo número

de práticas, que eram os jogos de verdade, práticas de poder etc.” (Foucault, 1986, p. 274-275). Afasta-se da noção de individualidade e se aproximando de uma noção mais ampla, pautada na noção de dispersão do sujeito, compreendendo que este sempre fala de algum lugar, permeado de lutas, modos de existir e de se situar, ora fala, ora também é falado.

- Poder - os discursos possuem uma ligação intrínseca com o poder, o qual não está relacionado a uma instituição/pessoa, são jogos estratégicos, possuem ramificações e são capazes de transitar entre os indivíduos. Existem e são pautados nas relações dos sujeitos livres, em que o poder produz discursos, sujeitos e resistências, afinal, poder é uma instância de resistências e lutas. Para existir o poder precisa ser aceito e isso, ocorre por meio dos discursos e de regimes de verdade, não apenas proíbe, vigia e pune, mas “de fato, circula, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso; é preciso considerá-lo mais como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social que como uma instância negativa que tem como função reprimir” (Foucault, 2009, p. 48).
- Tecnologias do eu - a inter-relação entre discurso e poder se reflete por meio das práticas discursivas que acabam operacionalizando as tecnologias do eu, essas tecnologias são compreendidas como um conjunto de operacionalizações que permite aos sujeitos efetuar (por conta própria ou com auxílio de outros) alguns procedimentos sobre si mesmos, seus corpos, seus pensamentos, suas condutas, como: ver-se, narrar-se, avaliar-se e transformar-se (Foucault, 1990). De acordo com R. Carvalho (2015), essas tecnologias do eu acabam ocasionando uma mudança de comportamento nos sujeitos, sendo técnicas performativas de poder que são vinculadas a uma atividade de constante vigilância e adequação aos princípios vigentes na época, ou seja, são normas de comportamento fixadas pelo poder, a partir do governo de si mesmos.
- Biopoder - forma de governar a vida por meio da disciplina (governo dos corpos dos indivíduos), a qual se detém ao adestramento e docilidade dos corpos (Foucault, 1993). Os dispositivos disciplinares são responsáveis por extrair toda força produtiva do corpo humano mediante controle de tempo e espaço no interior de instituições, como a escola. Conforme Bujes (2007) e Veiga-Neto (2006), o biopoder mesmo governando condutas, tem como alvo a população e por isso, podemos compreender que a governamentalidade está relacionada ao biopoder (biopolítica das populações).

Nesse sentido, a partir de nossos dados empíricos, foi necessário colocar focos de luz para ver nossos objetos, e para Foucault (1998), a partir dessa massa de elementos, é preciso isolar alguns, colocá-los em confronto, discutir suas relações e organizá-los em conjuntos. Dessa forma, organizamos os discursos a partir da identificação de ênfases, com a estratégia do efeito de saturação proposta por Veiga-Neto (1996), em que nos valendo de várias passagens e fragmentos



mostramos recorrências que expressam certas noções tomadas como fundantes (enunciados) nos discursos analisados.

Por fim, ressaltamos que as análises foram realizadas a partir das ênfases organizadas na pesquisa acerca de: **lugares e brincadeiras de meninos e meninas e relações de gênero nos “cantinhos” pedagógicos**. Cabe destacar que, cada subtítulo em que são apresentadas as análises, trazem fragmentos de discursos de professor/as durante o momento das entrevistas. Posteriormente, esse discurso será melhor contextualizado no texto juntamente às análises realizadas a partir de algumas ferramentas.

#### **4. “AS MENINAS SEMPRE PEGAM ALGUM BRINQUEDINHO E VÃO PARA UM CANTINHO, OS MENINOS SEMPRE ESTÃO BRINCANDO DE LUTA NO MEIO DA SALA”: LUGARES E BRINCADEIRAS DE MENINOS E MENINAS**

O processo de construir corpos binários está relacionado às expectativas sociais e culturais, e se dá de maneira tênue e minuciosa, podendo ser identificado por meio do controle de sentimentos, movimentos e desenvolvimento de habilidades e preferências. Tal processo pode ser apreendido na oferta de brinquedos e lugares que são permitidos e disponibilizados às crianças. Nesse sentido, os brinquedos favorecem um espaço lúdico e possibilitam a ação e a representação de aspectos da realidade, como também, estão carregados de expectativas, simbologias e intenções (Vianna; Finco, 2009). Os brinquedos também podem se constituir como formas de construção da desigualdade ou não de gênero. Bujes (2004) acrescenta que os brinquedos e o próprio brincar, são manifestações da cultura vivida, pois produzem e impõem significados culturais vinculados às relações de poder.

A construção das diferenças de gênero a partir dos lugares ocupados por meninos e meninas, está presente no discurso da professora Aline “[...] as meninas sempre pegam algum brinquedinho e vão para um cantinho, os meninos, principalmente quatro meninos, sempre estão brincando de luta no meio da sala”. Quando se relata que as meninas pegam brinquedos menores e se destinam para um ‘cantinho’, enquanto os meninos dominam o centro da sala com brincadeiras de luta, nos remete a ideia do discurso enquanto prática social que circula e define lugares para meninos e meninas de maneira distinta, e a partir dessas práticas discursivas em que as crianças são envolvidas e se moldam os sujeitos.

No discurso meninas performam a partir dessa distinção de locais/posições em relação aos meninos, ou seja, ocorre uma internalização do olhar do outro, ocasionando uma vigilância de si. As meninas acabam efetuando procedimentos de governo sobre elas mesmas, as tecnologias do eu, adequando-se às normas de comportamento estabelecidas pelo poder. Ainda, cabe destacarmos que quando observamos no discurso da professora a ocupação desigual dos espaços entre meninos e meninas no momento das brincadeiras, evidencia-se a presença de uma prática discursiva que demonstra uma regulação exercida por adultos sobre o corpo das crian-

ças, o que influencia na escolha e ação de brinquedos e espaços, permitindo que os meninos sejam mais expansivos e expressivos do que as meninas.

Atrelado a isso, notamos as interações sociais vivenciadas durante as brincadeiras, como integrantes de um rol de experiências que vão criando personalidades e papéis sociais (Sayão, 2002), conforme vemos no discurso da professora Fátima “[...] os meninos gostam mais de brincar no espaço das pecinhas e com os carrinhos, as meninas geralmente estão brincando mais no espaço da cozinha, com boneca”. A partir desse discurso, percebemos as identidades como resultantes de práticas discursivas (Butler, 2022), em que é possível notar que a forma como os sujeitos se constituem está vinculada a uma prática que carrega um enunciado que regula as feminilidades e masculinidades.

O discurso da professora, corrobora apontamentos feitos por Nascimento (2016) e Vianna e Finco (2009) sobre preferências e escolhas de brinquedos evidenciarem estereótipos de gênero, relacionando aos meninos brinquedos que proporcionem habilidades como a aventura e a criatividade, e às meninas, brinquedos que favorecem o treino de habilidades sobre o cuidado doméstico e de filhos/as, aspectos que influenciam nos papéis sociais exercidos na vida adulta, legitimando a diferença entre homens e mulheres.

Os agrupamentos entre meninos e meninas nos momentos de brincadeira, também são vistos pelos/as docentes como algo dicotômico, como na fala da professora Elaine: “Ah! geralmente quando eles formam os grupinhos, tem aquilo de brincar só com os meninos e só com as meninas”. A partir desse discurso, vemos a influência das práticas discursivas sobre a constituição do sujeito e das relações que vivencia, construindo discursos históricos e recorrentes, que separam corpos e moldam os modos de ser.

De acordo com Paetcher (2009) a formação de grupos pela escola e a continuidade da classificação, estimulam maneiras de pensar o eu e os outros, que envolvem percepções sobre quem pode ou não se inserir nessa ou naquela configuração, enfatizando o mesmo e o diferente, colocando em destaque questões de legitimidade. Em contrapartida, há pesquisas que mostram um outro discurso a respeito das separações feitas por meninos e meninas durante as brincadeiras, um exemplo, é a pesquisa de Finco (2003), a qual a partir de observações de momentos de brincadeira, conclui que nem sempre ocorre a separação de meninas e meninos, que as crianças só desejam brincar e ter parceiros/as para partilhar esses momentos, independentemente, como brincam de papéis variados sem se importar se são vinculados ao feminino ou masculino, elas brincam espontaneamente, sem constrangimentos, mostrando que as crianças se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas.

A professora Aline narra “os meninos gostam bastante de carrinhos, são poucos os que brincam com bonecas [...]”. As categorizações dos brinquedos são criadas pelos adultos, em que se estabelece uma norma cultural de que existem brinquedos certos para meninas e outros para meninos. A criação dessas fronteiras entre feminino e masculino nos brinquedos, pode estar relacionada à preocupação que se tem com a futura escolha sexual da criança, uma obsessão com

a noção de sexualidade normalizante (Finco, 2005), em que se exerce uma vigilância desde os primeiros anos de vida da criança.

A preocupação com a sexualidade da criança não aparece de forma explícita, mas num discurso de normalidade em que as crianças fazem transgressões “sem maldade”, como na fala da professora Cláudia: “[...] acredito que seja normal, é uma criança ali brincando que não vê maldade em nada e não tem porque pensar ‘esse é só de menino’, ‘esse é só de menina’, na verdade isso é uma coisa que muitas vezes já vem de casa”, esse discurso evidencia a noção de sujeito sujeitado, pois, conforme exposto por ela, as crianças não realizam a distinção de brinquedos por conta própria, mas, o fazem a partir de discursos e práticas discursivas em que são inseridos, portanto, se tornam sujeitos sujeitados por meio de técnicas de disciplinamento dos corpos, mecanismos de premiações e punições, que demandam reconhecimento e consentimento, desembocando na constituição de uma vontade obediente em relação à norma vigente, a qual evidencia expectativas e papéis sociais distintos, esperados para homens/meninos e mulheres/meninas.

As relações de poder são campos de luta e resistência, as crianças podem vir a transgredir essas fronteiras impostas em relação a brinquedos e espaços, como apresentado no discurso da professora Daiana, “o Samuel<sup>9</sup> a gente percebe que ele é um menino diferente, sabe? Ele é mais sensível, ele gosta de brincar só com as meninas [...] Só que ela (mãe do aluno) trata, ele agora bem natural mesmo, não privando ele das coisas do mundo né, porque é que nem eu falo, não adianta ela querer que ele vá brincar de carrinho, ele não vai brincar de carrinho, ele vai querer brincar de salão, brincar de boneca, brincar de casinha né [...] ela (mãe do aluno) tem muita fé! Eu falei para ela, se você tem fé é isso que basta”. A professora descreve o ser estranho, aquele que não obedece às normas de gênero, um menino sensível e que gosta de ‘coisas de meninas’, mas vai além, comete uma violência, usa o artifício da fé para que a mãe se conforme e trate a criança de forma ‘natural’. O discurso religioso é um produtor de verdades e como biopoder rege nossa sociedade, em que a fabricação do sujeito infantil no sentido de governá-lo, é um efeito de uma aliança estratégica entre aparelhos administrativos e educativos, para que se regule, vigie e auxilie a construção das feminilidades e masculinidades.

Cabe destacar que, quando a professora menciona o Samuel como diferente, tratado como um ‘caso’ (Vianna; Finco, 2009) que precisa ser normalizado, treinado ou excluído (Foucault, 2005), evidencia-se a diferença como algo negativo. De acordo com Balthazar (2020) a diferença é constituidora da vida, denota uma dialética, uma diversidade e multiplicidade que faz um e outro. Conforme Paraíso (2018) e Balthazar (2020) há uma força da violência que visa normalizar os corpos dissidentes na escola, a qual tem sido evidenciada nos estudos de gênero como um espaço bastante perverso para as crianças que performatizam em seus corpos dissidências de gênero e sexualidade (Silva, 2018).

---

<sup>9</sup> Visando cumprir com os aspectos éticos da pesquisa, Samuel é um nome fictício adotado para preservar a identidade do aluno.

Assim como Samuel, visto como um aluno diferente que performa características tida como femininas, em sua pesquisa, Balthazar (2020) traz alguns relatos que se somam a este e aponta a abjeção/subalternização do homem/menino que performatiza o feminino, mostrando que este sujeito não partilha de um lugar, de um poder ou de privilégios de uma cultura masculina. Corpos considerados naturais, também são construídos por meio de artefatos, gestos, acessórios que a sociedade estabelece como legítimo. Nas palavras de Balthazar (2020) a identidade é verdade e verdade é criação deste mundo. Os que transgridem as fronteiras de gênero e sexualidade são considerados desviantes e sofrem penalidades e correções (Louro, 2018). Essas fronteiras são percebidas por Paraíso (2018) enquanto uma zona de contato de diferenças, onde o poder circula. As crianças transgressoras das fronteiras de gênero, evidenciam como estas são porosas, atravessáveis e ocupam um deslugar na ordem do discurso (Balthazar, 2020).

O professor Bruno também aborda em seu discurso a ideia dos meninos brincando de afazeres do lar e o cuidado com os filhos “[...] é tão importante que um menino possa brincar com uma boneca, por exemplo, porque ele também vai exercer a função de pai. Então, é interessante que ele saiba os cuidados que ele vai precisar ter com um bebê. Eu não vejo problema algum em brincarem com bonecas”, as crianças como sujeitos não reproduzem apenas os papéis ocupados por homens e mulheres em nossa sociedade durante as brincadeiras, mas também são capazes de recriarem a cultura (Sayão, 2002), durante o momento da brincadeira as crianças podem estar brincando com questões advindas de seus próprios questionamentos, mesclando sua capacidade imaginativa e crítica (Finco, 2010).

Ao relatar os brinquedos utilizados e espaços ocupados por meninas e meninos na Educação Infantil, os discursos que circulam esboçam em sua maioria, práticas de controle, um tipo de poder definido por Foucault (2005) como articulação corpo e objeto. Assim, o corpo infantil é tomado como inscrição da cultura (Vianna; Finco, 2009) e alvo de práticas disciplinares, tornando possível apreender que as preferências por determinados brinquedos. São práticas discursivas que operam na distinção de locais, posições e escolhas entre meninos e meninas fazendo com que se adequem às feminilidades e masculinidades estabelecidas.

## **5. “QUAL O ESPAÇO VOCÊ QUER USAR?”<sup>10</sup>: OS “CANTINHOS” PEDAGÓGICOS E SUAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Assim como as relações sociais, a Educação Infantil, não é neutra, pois é permeada de simbologias, de discursos de controle e poder e de regimes de verdade, logo, os espaços também não são neutros, como afirmam Frago e Escolano (2001). Ao questionarmos sobre haver ou não preferências distintas de meninos e meninas sobre os espaços, o/as professor/as afirmavam não haver, que todas as crianças brincavam e gostavam de todos os espaços, no entanto,

---

<sup>10</sup> A pergunta expressa no início deste subtítulo se refere ao questionamento que geralmente é feito às crianças para que escolham os “cantinhos” pedagógicos que desejam estar, conforme relatado durante as entrevistas realizadas.

quando prosseguiam seus discursos, afirmavam “cantinhos” mais ocupados por meninas ou meninos, ou como no discurso anterior no centro e nos cantos da sala.

A professora Elaine mencionou “[...] eles vêm com aquela mentalidade, eu acho que talvez por ficarem em casa ou não sei, que tem que brincar: menina lá na casinha e o menino na ferramenta e com carrinho. Então no início, fica meio condicionado, eles brincando só ali nas ferramentas e elas na casinha”. Os sujeitos enquanto efeitos do discurso obedecem determinadas regras, como as da família, mencionado pela professora, mas também outras instituições sociais, igreja, escola, meios de comunicação são responsáveis por normalizar comportamentos e educar os corpos infantis, por meio das práticas discursivas, para que se adaptem às expectativas do ser feminino e do ser masculino. A partir desta compreensão entendemos que são produzidas verdades por meio de discursos, os quais acabam produzindo, educando e moldando os sujeitos, crianças e professor/as, de forma que entendam o que pode ou não ser feito e quais lugares devem ocupar.

O discurso de que as crianças preferem alguns espaços, aparentemente naturalizadas são resultantes de muitos esforços para deixar marcas distintas no corpo, no comportamento e nas habilidades dessas crianças, as preferências não são meras características oriundas da materialidade do corpo, mas construções sociais e históricas. A partir do momento em que esses espaços são organizados por gênero, vão se construindo enunciados e práticas discursivas que corporificam os regimes de verdade, as crianças vão aprendendo e ensinando seus lugares adequados para cada um deles gostar e brincar.

A respeito dessas diferenças Vianna e Finco (2009, p. 273) enfatizam que, “os significados de gênero são socialmente configurados, impressos no corpo de meninos e meninas de acordo com as expectativas de uma determinada sociedade”. Tais significados também podem ser percebidos em brinquedos e brincadeiras vivenciadas pelas crianças nos “cantinhos” pedagógicos, conforme vemos no discurso da professora Fátima: “Tem umas meninas que gostam mais do espaço da cozinha e da casinha, de brincar lá com boneca [...]”. Bem como, no discurso professor Bruno destacou-se a existência de preferências distintas “o espaço de interesse da beleza geralmente as meninas preferem, elas pegam batom, pegam as maquiagens em geral e ficam... Só que as meninas geralmente ficam ali para pentear o cabelo e tudo mais”. Percebemos nos discursos, as tecnologias do eu, as quais são operacionalizadas por meio das práticas discursivas, ou seja, ao ser atravessado pela relação discurso e poder, o sujeito acaba moldando seu comportamento, de maneira que sua performatividade<sup>11</sup> seja adequada às normas de gênero estabelecidas pela sociedade.

Durante a realização das entrevistas professor/as foram questionados a respeito da existência de regras para utilizar esses espaços, e se alguma delas destacava a necessidade de todas as crian-

---

<sup>11</sup> A partir de Butler (2018) podemos compreender a performatividade como prática reiterativa e situacional, em que o discurso impõe práticas femininas ou masculinas, com normas regulatórias do sexo que trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e materializar a diferença sexual.

ças passarem por todos os espaços, a fim de desestabilizar discursos de que meninos e meninas só podem brincar em determinados espaços e com determinados brinquedos. A maioria elencou que as regras existentes são em torno da boa convivência e organização, as quais dizem respeito a guardar e compartilhar os brinquedos, cuidar para não estragar os espaços e brinquedos. Já a escolha do espaço desejado é feita pela criança, pois, deve partir do interesse dela, mas, aqui tecemos algumas ressalvas.

Tendo em vista, o referencial curricular que orienta o uso desses espaços na Educação Infantil, em alguns momentos os “cantinhos” pedagógicos são escolhidos de forma livre pelas crianças, em outros, professores/as precisam direcionar o uso desses espaços para atingir objetivos pedagógicos, portanto, ora é de livre escolha da criança, ora é direcionada pelos adultos. Assim como, evidenciado o discurso da professora Cláudia “[...] agora não, agora eles vão no espaço que eles mais gostam, a não ser que haja necessidade de eu estar intervindo [...] dependendo do momento, da atividade que eu estou fazendo, que eu precise que eles se organizem mais, daí eu intervenho”. Percebemos que o uso do espaço físico na Educação Infantil se dá a partir da organização que professor/as fazem desses locais. Portanto, se professor/as não refletem sobre sua influência nas relações dos meninos e meninas, por meio da oferta e disponibilidade de espaços e brinquedos, estes podem favorecer o sexismo (Finco, 2003).

O discurso da professora Cláudia enfatiza “O único espaço que fica mais livre é quando eles estão com pecinhas, que eles estão no tapete, mas mesmo assim, eu ainda limito, para que no máximo quatro vão, para que eles se organizem naquele espaço”. A partir desse discurso, reafirma-se a intervenção que professores/as realizam durante a utilização dos “cantinhos” pedagógicos, no entanto, tal intervenção pode ser respaldada na noção de biopoder, que se refere a uma forma de governar a vida por meio da disciplina, ou ainda, enquanto forma de organização para que se atinjam objetivos pedagógicos. Cabe destacar que em seus escritos Foucault (2005) trata o espaço como uma tática eficaz que colabora no processo de disciplinarização dos corpos. Sobre a liberdade que as crianças possuem para escolher os “cantinhos” pedagógicos de acordo com seus interesses, a professora Daiana destacou que “a maioria das vezes eu falo assim: qual o espaço que você quer? Sabe, dando liberdade de escolher para eles. Vai do interesse deles, não adianta eu colocar eles lá pra escrever ou desenhar no canto das expressões artísticas, se ele não quer fazer, o que vai acontecer? Ele vai rabiscar e sujar até a parede. E graças a Deus isso não acontece, assim, **lá na sala**”. No discurso, ao afirmar que favorece a liberdade de escolha das crianças, notamos uma prática discursiva mais tênue e menos carregada de determinações, mas, está entrelaçada com as relações de poder e saber estabelecidas. Dessa forma, mesmo mostrando que tais espaços podem se configurar como uma forma flexível de organização dos agrupamentos infantis, vemos que a escolha pode ser regulada. Foucault (1993) nos auxilia na compreensão dos espaços vinculados à disciplina, em que se ressalta o poder enquanto jogo estratégico com a finalidade de reprimir e constituem sujeitos, neste caso, sujeitos que possuem sentimentos e escolhas reguladas.

Percebemos também, que nem sempre essa distinção naturalizada de comportamentos, escolhas e lugares de meninos e meninas, se dá a partir da “escolha” individual das crianças, pelo contrário, os discursos e práticas discursivas em que as crianças estão imersas possuem grande influência nessas escolhas e conseqüentemente, na performatividade desses sujeitos. Assim como os brinquedos são frutos de uma determinada cultura em que, aparentemente se podem fazer escolhas amplas, mas, acabam sendo muito limitadas, os “cantinhos” pedagógicos também o são. No discurso da professora Daiana: “[...] eu vejo alguns meninos que só brincam com coisas de meninos né, não brincam com coisas de meninas, a casinha a gente pensa que as meninas vão brincar, mas não, os meninos também brincam na casinha né”, mesmo afirmando que as crianças brincam com todos os brinquedos, continua distinguindo “coisas de meninos” e afirmando a “casinha” como um espaço das meninas.

O/as professor/as abordaram em suas falas as limitações e contribuições dos “cantinhos” pedagógicos, o professor Bruno relata que “não influencia tanto quanto ela segrega, eu acho bem interessante como eu comentei, mas [...] infelizmente, nós temos alguns vieses culturais que são machistas, que nós temos, então isso reflete nas crianças [...] Eu acredito que é importante as crianças terem acesso, mas infelizmente há uma cultura muito forte”. Há um discurso de tensão em relação transgressão de um discurso dominante, relacionados à vigilância a que os sujeitos da Educação Infantil (crianças e professores/as) são submetidos, tanto por membros externos (instituições sociais), quanto por seus pares. Nesse sentido, emergiu neste discurso a noção de poder, enquanto uma rede produtiva com capacidade de transitar entre os sujeitos e instituições. O professor enfatizava que os “cantinhos” pedagógicos poderiam favorecer a desconstrução das desigualdades de gênero, no entanto, família e escola reforçam essas normas, vemos que o poder circula e que há tensões, quando pensamos nas relações de gênero, afinal, há uma constante disputa pelo poder.

Em contrapartida, nos discursos da professora Aline “agora eles ficam mais à vontade para brincarem juntos” e professora Cláudia “Ah! Eu acredito que ajuda no aspecto de que, hoje eles já conseguem brincar mais juntos, não tem mais aquilo de esse espaço é só para menina ou então, esse espaço é só para menino, hoje eles brincam todos juntos”. Evidenciam-se as contribuições que os “cantinhos” pedagógicos podem favorecer para a vivência da infância e trabalho pedagógico, nos momentos de socialização e agrupamentos nas salas de aula de Educação Infantil, de forma que podem contribuir para desconstruir um regime de verdade heteronormativo e binário, de normas sociais, pautado na regulação de feminilidades e masculinidades.

## **6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Nesse texto, analisamos os discursos de professor/as da Educação Infantil acerca dos “cantinhos” pedagógicos e das brincadeiras ofertadas às crianças, investigando como os discursos moldam as interações de gênero e como meninos e meninas transgridem essas ofertas.

Assim, os discursos de professor/as nos deram alguns indícios para identificarmos as práticas pedagógicas acerca das questões de gênero nos brinquedos, brincadeiras e espaços da Educação Infantil.

Os indicativos são de que as questões de gênero no cotidiano podem se expressar por meio do controle e da normatização dos corpos de meninas e meninos, nos quais esses grupos são segregados, como no momento de escolha dos “cantinhos” pedagógicos disponibilizados, ressaltando a presença de estereótipos de gênero. Também foram vistos prenúncios que demonstram movimentos de desconstruções, ao recusar a segregação de brinquedos, brincadeiras e espaços de meninos e meninas, apresentando um coletivo de crianças que desejam brincar juntos. Elencamos também, o estranhamento de crianças transgressoras, como necessário para o movimento de transformação e criação do que se é e do que se pode ser.

Vimos que assim como os brinquedos e brincadeiras, a infância é atravessada pela regulação das feminilidades e masculinidades, feitas por práticas discursivas que apresentam regimes de verdade que evidenciam expectativas dominantes, heteronormativas. Portanto, as características aparentemente naturalizadas são marcas de construções sociais e históricas sobre os corpos infantis, refletidos em escolhas, preferências e espaços ocupados de forma distinta entre meninos e meninas. Denota processo externo ao corpo e cognitivo infantil que colabora para as desigualdades de gênero, que confere e reforça a noção de sujeito sujeitado, que ao serem atravessados pelas relações de poder, por meio de práticas discursivas enfáticas ou tênues, moldam seus comportamentos e performam para se adequar as expectativas e normas sociais elencadas.

Percebemos a influência do discurso do/das professor/ nos comportamentos e preferências definidores de gênero, demarcando e intensificando diferenças entre homens e mulheres, meninos e meninas, como se fossem um território fixo, imutável. Porém, a transgressão e o próprio movimento dos corpos infantis demonstram que as fronteiras de gênero são porosas e criações deste mundo, não devem ser verdades hegemônicas, fixas e intransponíveis.

Discursos que desestabilizem o ‘normal’ podem ser postos em evidência, para isso, um (des)caminho possível para o atravessamento das fronteiras heteronormativas e binárias, é ouvir e legitimar as falas das próprias crianças e uma formação docente que considere essas discussões. Afinal, as intervenções de professores/as, diálogos e formação, podem fortalecer adultos e crianças para reflexões e desconstrução de práticas discursivas pautadas em estereótipos, permitindo que as crianças possam experimentar outras possibilidades de serem meninas e meninos, para além das imposições e regulações de feminilidades e masculinidades.

Os “cantinhos” pedagógicos têm o potencial para constituir formas flexíveis de organização de agrupamentos infantis, possibilitando vivência e contato com múltiplas experiências, brincadeiras e brinquedos, para romper com os estereótipos de gênero presente na sociedade e nas práticas pedagógicas, favorecendo uma educação não-sexista. A concretização de espaços físicos, com a participação infantil só se efetivará, se adultos/as, além de possibilitarem contextos e oportunidades de participação, estiverem disponíveis, para elaborarem propostas e



práticas pedagógicas que vão ao encontro do que as crianças formularem, permitindo que tomem decisões e transgridam normas de gênero. Para isso, é fundamental compreender a criança enquanto produtora de cultura, para que seja possível a (des)construção das relações sociais binárias pautadas no gênero, tornando a Educação Infantil, um espaço privilegiado para a modificação da ordem dos discursos e surgimento de novos discursos e práticas equitativas.

## 7. REFERÊNCIAS

AQUINO, V. G. de. **Gênero na educação infantil**: investigando a prática pedagógica de professores do município de Vitória da Conquista - Bahia. 2019. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

BALTHAZAR, G. da S. Crianças viadas e o deslugar do gênero na escola: notas para um feminismo cor de ar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, p. 01-22, 2020.

BORGES, T. M. **Brincadeiras na educação infantil**: um espaço para construção da equidade de gênero. 2023. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2023.

BUJES, M. I. E. Crianças e brinquedo: feitos um para o outro? *In*: COSTA, M. V.; VEIGANETO, A. (orgs.). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 205-228.

BUJES, M. I. E. Descaminhos. *In*: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. p. 11-33.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Unesp, 2022.

CARVALHO, R. S. de. A generificação da docência na Educação Infantil: desconstruindo lições presentes em livros de formação de professor/as. *In*: FINCO, D.; GOBBI, M. A.; FARIA, A. L. G. de. **Creche e feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas: Leitura Crítica, 2015, p. 95-114.

CARVALHO, T. C. **Discursos de professor/as da Educação Infantil a respeito de gênero: um olhar para os “cantinhos” pedagógicos**. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2021.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Proposições**, Campinas, n. 14, v. 3, p. 89-101, 2003.

FINCO, D. Educação Infantil, Gênero e Brincadeiras: das naturalidades às transgressões. 2005. Trabalho apresentado no GT 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos. **Anais da 28ª Reunião anual da Associação Nacional de Pesquisas em Pós-Graduação em Educação – ANPED**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/biblioteca/item/educacao-infantil-genero-e-brincadeiras-das-naturalidades-transgressoes>>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

FINCO, D. **Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças**: Análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras do gênero. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa CEDES**, vol. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. Qu'est-ce que la critique?. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, Paris, v. 84, n. 2, p. 35-63, 1990.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. vol. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

NASCIMENTO, A. C. de O. A Influência da Ideologia patriarcal na definição dos brinquedos infantis. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 37, v. 14, p. 296-318. 2016.

PAECHTER, C. **Meninos e meninas**: aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PARAÍSO, M. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo. In: PARAÍSO, M.; CALDEIRA, M. C. **Pesquisa sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 23-52.

PONTA GROSSA, Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa. **Referenciais Curriculares: Educação Infantil**. Ponta Grossa: 2020.

SANTIAGO, F.; FARIA, A. L. G. de. Para além do Adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. **Educação e Fronteiras On-Line**, v. 5, n. 13, p. 72-85, jan./abr. 2015.

SAYÃO, D. T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática**, n. 5, p. 1-14, jul./jun. 2002.

SILVA, J. P. Crianças queer no currículo escolar. *In*: PARAÍSO, M.; CALDEIRA, M. C. **Pesquisa sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 261-278.

VEIGA-NETO, A. **A ordem das disciplinas**. 1996. 344 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

VEIGA-NETO, A. Na oficina de Foucault. *In*: GONDRA, J. G.; KOHAN, W. O. (orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 79-91.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n.33, p. 265-283, jul./dez. 2009.